

A VIDA SE TRANSFORMA EM MORTE: A PANDEMIA DE COVID-19 NO
COTIDIANO DOS MORADORES E MORADORAS DA CIDADE DE
PELOTAS (RS)

Lorena Gill

Professora titular da UFPEL
Doutora em História pela PUCRS. Tutora do PET Diversidade e Tolerância
E-mail: orenaalmeidagill@gmail.com

Ana Paula Chiarelli

Graduanda UFPEL
paulachiarelli@gmail.com

Milena da Silva Langhanz

Graduanda UFPEL
milena.langhanz@gmail.com

Resumo:

O artigo se relaciona a uma pesquisa intitulada “Os impactos da pandemia no cotidiano dos moradores da cidade de Pelotas”, realizada entre os meses de abril e julho de 2020, pelo PET Diversidade e Tolerância, da UFPEL. O objetivo do estudo foi verificar as mudanças que o distanciamento social tinha ocasionado na vida dos habitantes da cidade, no tocante aos aspectos econômicos, sociais, de saúde, entre outros. Através de um formulário Google, que apresentava questões abertas e fechadas, houve a participação de 1535 pessoas. A metodologia quali-quantitativa permitiu obter informações sobre os respondentes e analisar pequenas narrativas construídas por eles sobre o momento vivido, relacionado, especialmente, ao medo pelo desconhecimento que a doença trazia, aos sentimentos de solidão e ao receio que a morte inesperada poderia proporcionar. O estudo se relaciona à História do Tempo Presente.

Palavras-chave: Covid-19. Medo. Pelotas.



LIFE TURNS INTO DEATH: THE PANDEMIC OF COVID-19 IN THE DAILY LIVES OF RESIDENTS IN THE CITY OF PELOTAS (RS)

Lorena Gill

Professora titular da UFPEL
Doutora em História pela PUCRS. Tutora do PET Diversidade e Tolerância
E-mail: orenaalmeidagill@gmail.com

Ana Paula Chiarelli

Graduanda UFPel
paulachiarelli@gmail.com

Milena da Silva Langhanz

Graduanda UFPel
milena.langhanz@gmail.com

Abstract:

The article is related to research entitled "The impacts of the pandemic on the daily lives of residents of the city of Pelotas", conducted between april and july 2020, by PET Diversity and Tolerance, from UFPel. The objective of the study was to verify changes that social distancing caused in the lives of the inhabitants of the city, with regard to economic, social and health aspects, among others. Through a Google form, which presented open and closed questions, 1535 people participated in the activity. The quali-quantitative methodology allowed to obtain information about the respondents and analyze small narratives constructed by them about the moment lived, related, especially, to fear due to the lack of information that the disease brought, feelings of loneliness and the fear that unexpected death could provide. The study relates to the History of the Present Time.

Keywords: Covid-19, Fear, Pelotas.



Em dezembro de 2019, o mundo recebeu a notícia de que uma doença estava se alastrando por Wuhan, na China, e que os sintomas eram semelhantes ao de uma pneumonia (WU, Fan *et al.*, 2020). Em um curto espaço de tempo, a enfermidade começou a se espalhar por vários países, o que levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a decretar uma emergência de saúde pública, de importância internacional. De acordo com notícias publicadas¹, o primeiro caso confirmado no Brasil se deu em 26 de fevereiro de 2020. Já a declaração de transmissão comunitária e a primeira morte aconteceram em março do mesmo ano. Após todos estes meses de enfermidade, o número de falecimentos, no mundo e, especialmente, no Brasil cresceu de uma forma impressionante, isso porque enquanto vários países têm conseguido vacinar um número considerável de pessoas, aqui, a imunização se deu em ritmo lento, pelo menos em seu início. Um outro problema que tem sido colocado em evidência se vincula às desinformações repassadas, fruto de políticas negacionistas, que faz com que haja dificuldade na adoção de práticas consideradas fundamentais para conter o avanço da doença, como o distanciamento social e o uso de máscaras, por exemplo. Tendo em vista esse quadro, ainda no mês de abril de 2020, o PET Diversidade e Tolerância (PET-DT), que se reunia de forma virtual desde a instituição de um calendário remoto pela UFPel, no dia 16 de março de 2020, iniciou um estudo sobre os impactos da pandemia na vida de moradores e moradoras da cidade de Pelotas².

O objetivo principal da pesquisa foi o de construir pequenas narrativas, por meio da perspectiva dos respondentes, sobre aspectos relacionados à saúde física, emocional e alimentar, bem como abordar os impactos econômicos impostos pela pandemia da covid-19 frente às mudanças no cotidiano. Por cotidiano se segue a definição de Heller (1985, p. 17, grifos da autora), para quem:

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se "em funcionamento" todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

No formulário, existiam 49 perguntas que foram inspiradas por outros estudos, como em um que abordou as modificações na vida dos estudantes da Universidade Federal de Pelotas, escrito por Oliveira, Langhans e Gill (2020). As perguntas elaboradas para esse primeiro levantamento de informações foram ampliadas para toda a população de Pelotas. As informações foram

¹ <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca> Acesso em março de 2021.

² Os formulários com todos os dados da pesquisa estão no site do NDH: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/>
Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.
 ISSN: 1982 -193X



coletadas de forma anônima, por meio da divulgação do formulário nas redes sociais do PET-DT.

Embora as doenças tenham sido bastante discutidas pela História, através de livros que se tornaram clássicos (LE GOFF, 1985; REVEL; PETER, 1988; DELUMEAU, 1989), é preciso se dizer que a existência de uma pandemia sempre surpreende, ao causar um grande medo nas pessoas. No caso da covid-19, especialmente em seu início, várias relações foram feitas com uma outra grande catástrofe sanitária ocorrida no início do século XX. Tratava-se daquela que ficou conhecida como gripe espanhola, causadora da morte de milhões de pessoas ao redor do mundo (ABRÃO, 1988). Foram apontadas semelhanças entre ambas como uma rápida disseminação; a busca por medicamentos e formas de proteção; o aumento de preços de remédios sem eficácia comprovada; omissão, desinformação e censura para impedir que as pessoas compreendessem os problemas que a doença poderia causar; sobrecarga dos profissionais de saúde, entre outros (ALVES, 2020).

Ainda, é importante registrar que o estudo aqui apresentado se coloca no escopo da chamada História do Tempo Presente, uma vez que a tarefa é a de se verificar, como diz Dosse (2012, p. 15), “como o presente é construído no tempo”. Para o autor, trata-se do historiador: “renunciar a uma postura de domínio que era muitas vezes a sua e que o permitia acreditar que ele podia definitivamente ‘fechar’ os registros históricos” (2012, p. 11, grifos do autor). O que está sendo pensado no artigo apresenta, portanto, considerações provisórias, as quais, tendo em vista a conjuntura, podem ser modificadas, mas que provocam os historiadores a “analisar a organização e o estabelecimento de políticas e soluções ao enfrentamento do vírus, ao passo em que o lança em representações da doença e na surpresa pela descontinuidade do que parecia inevitável” (MARQUES *et al.*, 2021, p. 245). Em se tratando de um estudo que abarcou apenas os primeiros meses pandêmicos, tal anotação se faz ainda mais necessária.

Por último, o título do trabalho faz referência a um texto escrito por Auster (2020, p. 11), que assim diz:

Num dia, há vida. Um homem, por exemplo, em perfeita saúde, nem sequer é velho, sem nenhum histórico de doenças. Tudo é como era, e sempre será. Ele segue de um dia para o outro, cuidando das suas coisas, sonhando apenas com a vida que se estende à sua gente. E então, de repente, acontece que há morte. [...] A vida se transforma em morte e é como se essa morte tivesse possuído essa vida o tempo todo. Morte sem aviso. Em outras palavras: a vida para. E pode parar a qualquer momento.

Embora o texto de Auster tenha sido escrito, em sua primeira edição, no ano de 1999 para dar início ao livro “A invenção da solidão”, é como se o autor estivesse falando de um tempo de agora, um tempo de medo, um tempo de morte à espreita da vida³.

Conhecendo os respondentes

Pelotas é uma cidade do interior do RS, que possui 343.826 pessoas, segundo dados do IBGE (2021), cuja economia está baseada no comércio e nos serviços. No estudo apresentado, houve a participação de 1535 pessoas, conforme dito, e os resultados do questionário apontaram que 85,9% dos respondentes eram mulheres; 13,8% homens e apenas 0,3% preferiram não responder à pergunta. Os dados correspondentes à categoria “gênero” devem ser pensados já que a população de Pelotas, no último Censo do IBGE, realizado em 2010, era composta por 47% de homens e 53% de mulheres⁴, mas o número de respondentes mulheres é muito superior ao percentual da população em Pelotas, o que certamente impactou nos resultados que serão apresentados neste texto.

O maior número de mulheres que aderiram ao formulário talvez se explique a partir da perspectiva anunciada por Perrot (1989), em um texto sobre memória, de que as mulheres são as porta-vozes da vida privada, assim, quando muito do cotidiano pandêmico se passa justamente no espaço da casa, coube a elas, prioritariamente, narrar o que está acontecendo com todos.

No tocante a uma questão que muito apareceu nas respostas, a sobrecarga de trabalho das mulheres, Hirata e Kergoat (2003, p. 111) ressaltam a opressão e dominação que elas sofrem: “A divisão sexual do trabalho é o suporte empírico que permite a mediação entre as relações sociais (abstratas) e práticas sociais (concretas). [...] A divisão sexual do trabalho está no âmago do poder que os homens exercem sobre as mulheres”.

Retomando o formulário, sobre as faixas de idade, 9,4% dos participantes tinham entre 16 e 24 anos; 15,4% entre 25 e 34; 31,8% estavam na faixa etária de 35 a 49 anos; 26,7% possuíam

³ O número de mortes no mundo, no dia 13 de setembro de 2021, aponta para 4. 625.0006 pessoas, segundo dados oficiais da OMS. Já a expectativa de vida da população brasileira que vinha crescendo desde a década de 1940 teve uma queda de quase dois anos (1.94) nesse indicador. Fonte: Reduction in the 2020 Life Expectancy in Brazil after COVID-19, publicado pelo jornal Zero Hora, edição de 11 e 12 de setembro de 2021, Caderno Vida.

⁴ Para mais informações, ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>. Acesso em 23 de outubro de 2021.

idades entre 50 e 59 anos e 16,7% estavam acima de 59 anos, demonstrando uma boa participação de pessoas com idades diversas.

Com relação ao nível de escolaridade, os percentuais de pessoas que responderam ao questionário e que possuíam ensino fundamental incompleto (2,7%); completo (2,3%) ou ensino médio incompleto (3,5%) foram muito baixos quando comparados com pessoas que finalizaram o ensino médio, 14,1%; graduandos, 18,4%; graduados, 22,3% e pós-graduados, 36,7%. O percentual de 91,5% relacionado a estas últimas formações demonstram que o fato de a pesquisa ter sido publicizada apenas no *Facebook* e *Instagram*, dificultou que as perguntas chegassem a pessoas que não tivessem um maior acesso às redes sociais. Chama a atenção, também, que o maior percentual de respondentes se relacione a pós-graduados, uma vez que são muitos poucos aqueles que, no Brasil, se graduam e continuam os estudos. Segundo dados publicados pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2019, apenas 21% de jovens brasileiros, entre 25 e 34, anos possuem curso superior; já o percentual de mestres é de apenas 0,84%, uma vez que, ao terminar a graduação, o brasileiro não costuma continuar os estudos.

Quando se analisam as informações relacionadas à raça, percebe-se que 82,8% dos participantes se reconhecem como brancos, 8,1% como pardos, 7,4% como pretos, 0,3% como amarelos e 1,4% como “outro”. Os números se aproximam bastante dos dados do Censo de 2010 para Pelotas, quando constam os seguintes percentuais para os residentes: 80,3% de brancos; 10,7% de pretos; 8,6% de pardos e amarelos 0,3%. No Censo, aparecem 0,1% de indígenas, populações essas que não responderam ao formulário.

Sobre a renda, 15,3% declararam receber menos de um salário-mínimo, seguidos por 29,2% que recebem até dois; 23,7% de 3 a 4; 9,7% de 5 a 6 salários-mínimos; 13,8% de 6 a mais salários-mínimos e 8,3% dos respondentes decidiram não informar. Em 2018, segundo o IBGE⁵, uma pesquisa demonstrou que 31,9% da população pelotense recebia até meio salário-mínimo por pessoa, fator que colocou a cidade na posição 229 de 497 dentre todas as cidades do Estado do RS, quando se analisa o quesito renda. Novamente o fato de o formulário estar disponível apenas pela internet certamente impactou nas respostas da população mais vulnerável socialmente.

⁵Ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>. Acesso em 9 de junho de 2021.

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

ISSN: 1982-193X



No que diz respeito a ter uma internet de qualidade, 94,8% responderam que possuíam um bom acesso e apenas 5,2% que não o tinham. Essas estatísticas diferem do percentual geral brasileiro, em que, segundo o IBGE (2018), apenas 79,1% da população tem acesso à internet.

Nas perguntas que englobam as condições sociais, 70,1% alegaram ter alguma atividade remunerada e 29,9% que não a exercem. Já sobre o vínculo empregatício, a partir da carteira assinada, 60,5% afirmaram possuir, enquanto 39,5% disseram que não. Como as perguntas envolveram os primeiros meses da pandemia, certamente vários desses postos de trabalho não existam mais, já que, ainda segundo o IBGE, o número de desempregados atingiu 13,9 milhões no quarto trimestre de 2020⁶. A pergunta seguinte permite reafirmar o que se diz, pois mesmo que os meses fossem os iniciais, 26,4% responderam que precisaram acionar algum tipo de auxílio do governo para conseguir sobreviver ao período de distanciamento sanitário. Desses 26,4%, o percentual de pessoas aprovadas foi de 72,6% e 27,4% para as que não foram.

Os participantes também responderam sobre serem os principais responsáveis pelo financeiro da família e o resultado foi de que 43,7% eram os responsáveis; 37,7% contribuía em parte e 18,6% não eram os protagonistas dessa tarefa.

Dos participantes, 79,9% afirmaram não precisar de alguma doação ou ajuda de custo de terceiros na pandemia, enquanto 20,1% alegaram que teriam precisado. Esse dado contrasta com um número elevado de pessoas que declararam que acionariam auxílios governamentais.

Das 71% das pessoas que exercem alguma atividade remunerada, 44,1% atuam na modalidade home-office e 26,9% de forma presencial. Os demais, 29%, alegam receber auxílios do governo, aposentadoria, pensão por morte e, dessa forma, não estão trabalhando ou estão dispensados das atividades nesse período, ou seja, possuem renda, mas não estão atuando no mercado de trabalho no momento pesquisado.

Pensando no grau de isolamento, 65,3% das pessoas responderam que estavam com a família, 21% apenas com o companheiro, 0,8% com amigos, 10,9% que permaneciam sozinhos e 2% não responderam. Quem não morava com a família passou a evitar o contato por medo de contaminar familiares. Dessa forma, muitos idosos ficaram sem receber visitas, fator que agravou ainda mais a solidão por não poder sair de casa. Esses idosos deixaram de encontrar

⁶ Ver PNAD Contínua (IBGE, 2021).

conhecidos, ir à feira, ao supermercado, tendo o contato humano extremamente reduzido, o que pode ter sido uma variável importante para possíveis problemas relacionados à saúde mental (BERG-WEGER; MORLEY, 2020). Sobre o item que remetia às questões psicológicas era permitido que várias alternativas fossem respondidas e, assim, 52,9% se disseram ansiosos; 45,9% apreensivos; 39,7% confiantes em Deus; 37,1% confiantes na ciência; 32,8% estão tensos; 30,1% receosos; 25,1% tristes, 24,8% esperançosos e apenas 10,5% afirmaram estar tranquilos. Nesse ponto, chama a atenção o fato de que os confiantes em Deus são bem próximos dos confiantes na ciência, embora as respostas não fossem excludentes.

O isolamento também foi um assunto mencionado, tendo 84,9% dos participantes classificado essa conduta como muito importante. Nesse contexto, 50,1% se sentiam muito isolados dos amigos e familiares, tendo em vista as necessidades de distanciamento sanitário.

Nas perguntas em que foram questionados sobre a saúde física e os cuidados com o corpo, 37,6% afirmaram não estar praticando nenhum tipo de exercício; 6,1% não praticavam e iniciaram no período; 35,5% praticavam, mas agora não estão fazendo exercícios e 20,8% se exercitavam e continuam. Segundo a pesquisa nacional de saúde (PNS), de 2019, publicada no ano de 2020, foi constatado que 40,3% da população brasileira não pratica nenhum tipo de atividade física. Este é um dado preocupante, pois o sedentarismo está associado com a maior incidência de doenças crônicas, obesidade e mortalidade.

Em relação à qualidade da alimentação, 53% afirmaram que continuam comendo o que costumavam; 33,5% declararam que a alimentação piorou e 13,5% que melhorou. Sobre a alimentação por impulso, 59,1% alegaram que estão se alimentando mais motivados pelo impulso e 40,9% que não estão. A piora da alimentação pode estar vinculada a diversos fatores, como a perda de renda, ocasionada por um maior desemprego, além da alta da inflação.

Sobre terem ou não um plano de saúde privado, 61,7% afirmaram não ter acesso e 38,3% responderam que o possuem. Os dados gerais do Brasil, de acordo com o portal de notícias do IBGE (2020)⁷, revelam que apenas 28,5% da população brasileira possuem um plano privado de saúde médico ou odontológico.

⁷ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28793-pns-2019-sete-em-cada-dez-pessoas-que-procuram-o-mesmo-servico-de-saude-vaio-a-rede-publica> Acesso em dezembro de 2020.

No quesito prevenção, em uma escala de 1 a 5 em que 1 significa nada prevenido e 5 muito prevenido, 35% votaram em 5; 49,8%, 4; 13,7% em 3; 1% em 2 e 0,5% em 1, o que demonstra uma grande preocupação de cuidado, mesmo no início da pandemia, quando os números de mortos não eram tão expressivos como nos dias de hoje.

Os participantes também foram indagados sobre a expectativa de espalhamento do vírus e 72,2% afirmaram que acreditavam que o vírus iria se alastrar pelo Brasil, já 27,8% não imaginavam que isso poderia acontecer. Em relação ao vírus se alastrar por Pelotas, os números são próximos, ou seja, 70,9% acreditavam que isso iria acontecer e 29,1% que não. Note-se que está se falando dos meses iniciais de conhecimento da pandemia, o que certamente influenciou nas respostas dadas.

Ao responderem sobre a importância da mídia para a contenção da epidemia, 85,1% revelaram que as informações repassadas sobre a disseminação da covid-19 influenciaram em mudanças de comportamento, mas 14,9% não concordam com isso.

Os respondentes (80,2%) afirmaram que viam modificações relacionadas ao comportamento social da comunidade. No momento em que se questionava sobre a mudança pessoal de cada participante, 63,5% revelaram que houve transformações pessoais na forma de ver a vida. Nas narrativas, foram citados fatos positivos como a valorização da família, o autoconhecimento, a empatia e a solidariedade pelo próximo, além da reavaliação do consumo de bens supérfluos, a valorização do emprego e a autopercepção sobre o lugar de privilégio em que se encontravam, como demonstram alguns dos relatos retirados dos formulários: “Acho que estou repensando algumas prioridades e entendimentos sobre o que de fato importa” (respondente 88). Ou, então: “Nova leitura do mundo, valorização da vida e compreensão em relação ao outro” (respondente 110). Segundo outro narrador:

Acredito que estou dando mais valor ao meu lar, às minhas coisas e, ao mesmo tempo, valorizando ainda mais as pequenas coisas, que não são coisas materiais, mas momentos, abraços, amigos, familiares, natureza, pôr-do-sol em lugares especiais... Coisas de que estou com saudades neste momento de isolamento. (respondente 239)

Entretanto, há muitas situações percebidas como negativas, por exemplo, a ansiedade causada pelo desemprego, que alterou a perspectiva de futuro, presentes na seguinte fala: “A falta de previsibilidade de como será o futuro a curto e médio prazo” (respondente 1159) ou ainda: “Perigo de morte e desemprego” (respondente 1356).

Questões políticas também foram abordadas, quando os participantes responderam sobre a aprovação de gestores públicos no tocante à contenção da pandemia. Nesse sentido, apenas 7,3% aprovavam a gestão do Presidente da República; os números crescem relacionados ao governador do Estado do RS, que possuía um índice de 61,2% de aprovação à época e para a prefeita da cidade de Pelotas, que tinha 53,3% de aprovação, para o mesmo período. É preciso se fazer referência que um percentual de 28,4% não aprovava nenhum dos governantes mencionados.

Em relação às chamadas *fakenews*, 89,8% dos participantes afirmaram que quando leem alguma informação na internet, verificam se a fonte é verdadeira, mas 10,2% não o fazem. Sobre tal situação, o *site* de notícias G1 (EPTV2, 2021) citou uma pesquisa coordenada pela Universidade de São Paulo (USP)⁸, que identificou um aumento de 383% em notícias falsas sobre as vacinas para a covid-19 para o período.

As pessoas também foram questionadas sobre ações solidárias e 44,5% afirmaram que estavam participando de alguma. No Brasil e, especialmente em outras regiões mais pobres do planeta, estão ocorrendo práticas de doações de alimentos, roupas, itens de higiene e limpeza visando atender famílias mais vulneráveis socialmente. Essas intervenções permitem que algumas famílias tenham acesso a produtos que, muitas vezes, mesmo antes da pandemia já eram escassos ou inexistentes.

Nas questões relacionadas aos itens em que os participantes tiveram espaço para construir pequenas narrativas, as respostas se reportavam a um sentimento em comum, o medo. Medo do desconhecido, da perda, da morte de entes queridos e do próprio falecimento, já que, segundo Elias, “[...] não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos” (ELIAS, 2001, p. 11).

Ademais, foram questionados acerca do que mudou no âmbito familiar e as respostas mais mencionadas foram representadas por narrativas semelhantes a essa:

Estamos isolados em casa. As conversas com roda de chimarrão com os vizinhos infelizmente acabaram. Vou ao mercado de máscara para evitar que meus pais que são idosos se arrisquem. Evito ver minha irmã que mora em outra casa, pois a mesma

⁸ <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/08/23/fake-news-sobre-vacina-para-a-covid-19-aumentam-383percent-em-rede-social-diz-estudo-da-usp.ghtml> Acesso em dezembro de 2020.

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

ISSN: 1982 -193X



e o marido trabalham e têm contato com muita gente. Deixei de visitar meus amigos e ir a bares e boates. (respondente 83)

A pior parte do isolamento social também entrou como questão e as respostas mais comuns abarcaram a falta de contato com os mais próximos, a qual foi representada por expressões como ausência de socialização com a família e amigos, ficar longe de quem se ama e outras respostas semelhantes. Em várias das narrativas, no entanto, se vislumbra uma sensação de solidão, especialmente de pessoas idosas que, como são mais suscetíveis à enfermidade, tiveram de, algumas vezes, se manter mais isoladas. Muitos respondentes relataram essa questão do isolamento dos idosos, como nos seguintes excertos: “Não saber quando poderei ver novamente meus amigos e familiares de forma segura, sem distanciamento” (Respondente 1014). “Ficar sem poder abraçar, beijar pegar no colo meu neto bebê, ficar agarrado com meus pais, e filhos, juntos com os amigos, mas com fé em Deus tudo isso vai passar logo” (Respondente 687). Ou ainda: “Nos reuníamos sempre aos finais de semana, e isso não acontece mais em respeito aos meus avós” (Respondente 146).

Como a maioria dos respondentes foi composta por mulheres, muitas narrativas refletem a intensificação de tarefas durante o período de isolamento social, uma vez que, infelizmente, a maioria das tarefas vinculadas ao trabalho reprodutivo continua sendo feita quase que exclusivamente relacionadas ao gênero feminino. Uma das narrativas, construída por uma professora, revela dessa forma a sua rotina: “Cozinhar, arrumar a casa, lavar roupas, cuidar de minha filha, atender os alunos via WhatsApp, participar de reuniões quando solicitada” (respondente 486) ou, ainda, uma outra mulher assim diz: “Terapia com psicólogo por videochamada, cuidados com meu filho e marido, cuidados com a casa/afazeres domésticos” (respondente 296).

Em relação à alguma mudança interna em uma perspectiva subjetiva, um número considerável de respondentes afirmou que aprendeu a valorizar mais a família. Tal fato pode ser expresso na seguinte narrativa:

Assistir essa imensa onda chegando, que trará uma provação biológica a cada um, por si só já é algo perturbador. É cogitar que dentro de pouco tempo, nossa própria existência pode estar terminada se as coisas derem errado. Saber que após isso, aos que superarem a provação biológica, será necessário enfrentar uma crise de proporções nunca vistas, com muita gente passando necessidades, é angustiante. Tenho sofrido bastante pelas incertezas sobre como a doença afetará minha família e, também, pela forma como a doença tem impactado as que tiveram perdas. Sempre tive como característica de minha personalidade um alto grau de empatia. Com certeza, serei ainda mais solidário do que já sou. (respondente 60)

Os participantes tiveram a oportunidade de expressar suas expectativas para quando a pandemia terminar. Nessa perspectiva, 284 pessoas afirmaram que pretendem ficar próximas à família; 289 tem a intenção de se reunir com os amigos e 273 estão à espera de algo muito simples: um abraço. No âmbito do lazer, as pretensões mais abordadas são viajar e ter liberdade de poder sair de casa.

Na pergunta sobre o que os participantes consideram que os governantes não fizeram e o que poderiam fazer de diferente caso houvesse uma nova pandemia viral parecida com essa, um número expressivo (303 pessoas) afirmou que o isolamento deveria ser mais incisivo. Tal preocupação foi expressa, por exemplo, na narrativa de uma professora:

As secretarias poderiam dar cursos para os docentes para poderem lidar com plataformas únicas de comunicação com os alunos, pesquisa sobre as mídias tecnológicas com as escolas e as famílias obtendo dados mais seguros. Evitar jogar as decisões aos professores porque causou muita insegurança e tomar uma decisão de procedimentos única para todos, investir sempre no espaço escolar porque nunca temos condições e higiene, não tem enfermeiros nas escolas. Não deveria abrir shopping e deixar lotar os espaços de compras. Agir com mais coerência na proteção social investir na saúde e nos profissionais de saúde. (respondente 63)

Além disso, as pessoas mencionaram o descaso que o governo federal teve com a questão dos infectados e mortos e na gestão dos recursos, como foi expresso abaixo:

Mais respeito pelos infectados, mortos, familiares e uma política de união para vencer esse inimigo invisível, independentemente de partido ou ideologia. Agilidade na compra de equipamentos, medicamentos, valorização dos profissionais de saúde. Testagem em massa. (respondente 1439)

Outra pergunta relacionada à nova postura que irá ser necessária caso ocorra uma nova pandemia, as respostas mais recorrentes se vincularam à necessidade de uma maior seriedade no quesito isolamento social; a obrigação do uso da máscara, da indispensabilidade das pessoas respeitarem mais as medidas de segurança diante do cenário da pandemia, tal como foi expresso na seguinte narrativa: “Proteger com isolamento, praticar a higiene correta do corpo e usar máscara, cuidar dos outros, ter aparelhos e produtos de desinfecção, fortalecer a saúde pública, governos competentes e responsáveis” (Respondente 114).

Algumas reflexões sobre a pandemia

As narrativas apresentadas pelos participantes deixaram claro que os fatores que mais impactaram suas vidas foram o isolamento e com ele, muitas vezes, a solidão e o medo por estarem vivenciando uma pandemia em que há milhões de mortes, comentadas todos os dias

pelos noticiários, além de uma eventual perda de fontes de renda. Cada um desses fatores gerou inúmeros outros efeitos colaterais desta triste realidade. O isolamento social, por exemplo, afetou significativamente a saúde mental da população, uma vez que as porcentagens das respostas sobre estarem se sentindo ansiosos, tensos, tristes e apreensivos foram bastante altas.

Uma das respostas reflete bem a angústia vivenciada nesse período, na qual uma das mulheres desempregada diz que lê o evangelho, tomando antidepressivo — fluoxetina — duas vezes por dia. “Consultei no postinho, pois não dormia, chorava. Quase fiquei louca, me dava falta de ar e chorava. Eu sempre trabalhei e eu que me sustento e ajudo meu filho. Criei ele sozinha e nunca faltou nada, pois eu sempre trabalhei. E agora sem trabalho, pedindo o que comer. Não é fácil. Meu Deus, que termine isso” (respondente 1501).

As respostas sobre a prática de exercícios físicos apontaram para o fato de que as pessoas deixaram de ir às academias por causa do medo de se infectar. Agora, o medo não é o único motivo pelo qual não se pode mais frequentar as academias, isso porque muitos estados decretaram o fechamento desse tipo de atividade por não pertencerem ao grupo daquelas consideradas essenciais. Pelotas foi uma das cidades em que esse decreto se efetivou, a partir do dia 22 de fevereiro de 2021, pois o município ficou durante bastante tempo em bandeira preta ou vermelha, ou seja, com um alto nível de restrições, segundo informações do *site* da Prefeitura de Pelotas (2021). É importante lembrar que a prática de exercícios físicos é um dos pilares essenciais para a manutenção da saúde devido ao fato de melhorar o condicionamento físico e fortalecer o sistema imunológico. Na saúde alimentar, foi identificado que 59,1% das pessoas começaram a comer por impulso, fator que pode ser uma consequência do aumento da ansiedade.

Além disso, as respostas em relação “ao que foi preciso deixar de ser feito durante esse período” e “a saudade que fica de tempos antes da ocorrência do isolamento” são construídas em tom de tristeza e nostalgia, pois muitas pessoas se sentem solitárias por estarem longe dos familiares e sem muitas perspectivas de melhoria frente às decisões tomadas pelo governo. Nesse contexto, os participantes afirmaram que para um melhor enfrentamento da pandemia, os governantes precisariam focar nas medidas públicas que garantissem decretos firmes em relação à quarentena, fato que nunca foi feito, já que a política foi de um abre e fecha, além da instituição de regramentos municipais e estaduais, que foram sendo modificados, muitas vezes, por cobranças relacionadas às pressões econômicas, especialmente de empresários locais.

A pandemia trouxe, como era de se esperar, muitos prejuízos no tocante à economia. Uma pesquisa realizada por Carvalho (2020) acerca de seus efeitos sobre os rendimentos do trabalho e o impacto do auxílio emergencial, por meio da análise dos dados do IBGE, que promoveu a coleta de dados com o apoio da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), avaliou que o auxílio emergencial foi suficiente para compensar apenas 45% do déficit total na renda da população. De todo o modo, a mesma pesquisa afirmou que esse benefício foi essencial para a manutenção da vida das pessoas mais vulneráveis. Dessa maneira, as famílias que antes eram amparadas pelo governo, durante o período em que o auxílio foi extinto, se encontraram em completa vulnerabilidade social⁹, pois dependiam de doações, fato que foi comprovado pela pesquisa, devido ao desemprego massivo. Por mais que em 2021 o benefício tenha retornado, ele veio com menos força, pois foi diminuído para R\$ 250, valor médio a ser pago.

Ainda, sabe-se que desde a aprovação, até o recebimento, o sistema é falho. Tal fato ocorre, pois o processo de inscrição para o auxílio é digital, exigindo telefone, internet e e-mail para ocorrer a validação (CARVALHO, 2020), o que faz com que algumas pessoas tenham dificuldades em acessar tal ajuda. Além disso, mesmo que todos os indivíduos que precisam pudessem ter acesso, o valor é extremamente baixo, pois de R\$ 600 foi para R\$ 150 ao grupo de pessoas que moram só.

Mas é o medo da morte aquele que mais aparece como um temor nas respostas, como na seguinte narrativa: “Reflexão sobre que nada somos e nada sabemos, de que a vida pode mudar a qualquer momento! E pensar mais na morte, como fato inevitável em nossa caminhada!” (respondente 909). Segundo Elias (2001), a tendência do ser humano é evitar a ideia de morte tanto dele quanto das pessoas que ama, mas uma pandemia coloca o fim da vida como uma possibilidade concreta. No início, a morte aparece através de números, mas com o passar do tempo os mortos começam a ter nomes, rostos e histórias¹⁰.

Ariès (2014, p. 6) afirma que a morte comum, normal costumava dar “tempo para ser percebida”, mas não é isso o que acontece tendo em vista uma pandemia. Já Delumeau (1989, p. 125, grifos do autor) ao pensar sobre períodos de enfermidades diz que:

⁹ Por vulnerabilidade se segue Castel (1997) para quem as fragilidades não se dão apenas vinculadas às questões econômicas, mas também podem se refletir nos apoios relacionais.

¹⁰ O site Inumeráveis, que existe faz vários meses, tem justamente a pretensão de criar um Memorial on-line, que mostre que os mortos pela Covid-19 não são apenas números, mas histórias. <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em 16 de agosto de 2021.

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021.

ISSN: 1982 -193X



Interrupção das atividades familiares, silêncio da cidade, solidão na doença, anonimato na morte, abolição dos ritos coletivos de alegria e de tristeza: todas essas rupturas brutais com os usos cotidianos eram acompanhadas de uma impossibilidade radical de conceber projetos de futuro, pertencendo a ‘iniciativa’, doravante, inteiramente à peste.

A morte já não é apenas de pessoas cujas trajetórias transcorreram por décadas, como no caso dos idosos, que se preparam, aos poucos, para a finitude, mas de muitos jovens que teriam um futuro a experimentar e que não o farão, a julgar as imensas perdas ocasionadas pelo vírus.

Considerações Finais

A existência do Covid-19 afetou diretamente os pelotenses, assim como a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo. Como é uma cidade que vive predominantemente dos serviços, medidas de isolamento provocaram uma importante retração na economia fazendo com que muitos postos de trabalho fossem perdidos ou que tivessem suas cargas horárias diminuídas, o que acarretou uma diminuição de renda da população e maior vulnerabilidade social.

Tal situação fez com que um número significativo de pessoas recorresse a doações de familiares ou de instituições ou, ainda, buscassem os auxílios emergenciais disponibilizados pelo governo federal, os quais nem sempre foram acessados facilmente, já que algumas pessoas não possuem todos os documentos necessários, nem mesmo equipamentos tecnológicos ou ainda internet, o que trouxe uma maior insegurança pela falta de recursos, indispensáveis à manutenção das vidas.

Mas se a falta de recursos ocasionou preocupações, o que dizer de um cenário de tantas incertezas, como os vivenciados neste momento relacionados a um futuro próximo e a como se manter vivo? Como saber as melhores medidas a se tomar se o cenário é de um profundo negacionismo relacionado às indicações da ciência? Em caso de adoecimento, como ter acesso a espaços hospitalares quando o sistema está saturado? As respostas às perguntas não são fáceis, e causam alguns sentimentos presentes nas narrativas como a ansiedade, apreensão, receio e medo.

O isolamento, a quarentena e o distanciamento social, faces de uma mesma moeda, marcaram profundamente as pessoas que responderam ao formulário proposto, mas ainda mais às mulheres que, muitas vezes, tiveram de cuidar de uma nova rotina, em que estavam ainda mais

enclausuradas no espaço privado. Tal fato trouxe consequências tanto na saúde física quanto na mental, como se pode compreender pelas narrativas. De todo o modo, muitas dessas pessoas possuem uma realidade certamente mais favorável do que os 13,5 milhões de brasileiros e brasileiras que vivem atualmente em extrema pobreza ou do que os 39 milhões de pessoas que são pobres¹¹, realidade encontrada em um país a cada dia mais desigual.

Este é um estudo sobre a primeira fase da enfermidade respondido por pessoas, em número bem superior de mulheres, em uma cidade do interior do RS, durante alguns meses. Ainda que tais parâmetros de respostas tenham afetado o texto apresentado, pensa-se que as informações, aqui expressas, podem servir como comparativos a estudos semelhantes, para outras regiões do Brasil ou, ainda, à construção de um banco de dados, que permita aos historiadores refletir sobre a enfermidade, especialmente no momento de sua aparição, daqui a algum tempo.

Referências Bibliográficas

ABRÃO, Janete Silveira. **Banalização da morte na cidade calada**: a hespanhola em Porto Alegre. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ALVES, Gabrielle. **Uma comparação entre a pandemia de Gripe Espanhola e a pandemia de Coronavírus**. 13 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/uma-comparacao-entre-a-pandemia-de-gripe-espanhola-e-a-pandemia-de-coronavirus-por-gabrielle-werenicz-alves>. Acesso em 10 de maio de 2021.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

AUSTER, Paul. **A invenção da Solidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BERG-WEGER, M.; MORLEY, J. E. (2020). Loneliness and Social Isolation in Older Adults during the COVID-19 Pandemic: Implications for Gerontological Social Work. **Journal of Nutrition, Health and Aging**, 24(5), 456–458. <https://link.springer.com/article/10.1007/s12603-020-1366-8>. Acesso em 3 de agosto de 2021.

CARVALHO, Sandro. Os efeitos da pandemia sobre os rendimentos do trabalho e o impacto do auxílio emergencial: o que dizem os microdados da PNAD covid-19. **Carta de Conjuntura**, IPEA, n. 48, 3º trimestre 2020. http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10163/6/CC_48_mt_os_efeitos_da_pandemia_r_endimentos.pdf. Acesso em 10 de março de 2021.

¹¹<https://observatorio3setor.org.br/noticias/ignorados-135-milhoes-de-brasileiros-vivem-na-extrema-pobreza/>. Acesso em 10 de maio de 2021.

CASTEL, Robert. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18664>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente 1300-1800**. Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 4, n. 1, jan/jun. 2012, p. 5-22. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

ELIAS, Norbert. **Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

EPTV2. Fake News sobre vacina para a Covid-19 aumentam 383% em rede social, diz estudo da USP. G1. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/08/23/fake-news-sobre-vacina-para-a-covid-19-aumentam-383percent-em-rede-social-diz-estudo-da-usp.ghtml>. Acesso em 20 de maio de 2021.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (Org.). **Novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: SENAC, 2003. p.111-123.

IBGE - 2018. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101705>. Acesso em: 04 de maio de 2021.

IBGE - PNS 2019: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 24 de outubro de 2021.

IBGE - 2021. Brasil, Rio Grande do Sul. Panorama Populacional da cidade de Pelotas. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>. Acesso em: 31 de maio de 2021.

Jornal Nacional. Inflação e desemprego em alta têm penalizado famílias brasileiras. G1. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/05/28/inflacao-e-desemprego-em-alta-tem-penalizado-familias-brasileiras.ghtml>. Acesso em: 31 de maio de 2021.

LE GOFF, Jacques (Org). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985

MARQUES, Maria; RIBEIRO, Anna; MOTA, André. Epidemias e História: das lições do passado ao pensamento crítico em saúde coletiva. In: MOTA, André (Org.). **Sobre a Pandemia: experiências, tempos e reflexões**. São Paulo: Hucitec, 2021.

OLIVEIRA, Quezia; LANGHANZ, Milena e GILL, Lorena. " Sinto falta de abraços": os impactos da pandemia de covid-19 na vida cotidiana dos alunos e alunas da UFPel. **História em Revista**. Pelotas: Editora da UFPel, 2020, p. 230- 239. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/20622>. Acesso em 6 de agosto de 2021.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, volume 9, número 18, ago/set 1989, p. 9-18.

Quero Bolsa – Dados da OCDE. <https://querobolsa.com.br/revista/21-dos-brasileiros-possuem-ensino-superior-completo-aponta-levantamento-da-ocde>. Acesso em 13 de setembro de 2021.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre Nora (Orgs.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1988.

WELLE, Deutsche. Sem auxílio emergencial, Brasil deve ter mais de 20 milhões em pobreza extrema. **Isto É Dinheiro**. 2021. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/sem-auxilio-emergencial-brasil-deve-ter-mais-de-20-milhoes-em-pobreza-extrema/>. Acesso em 3 de março de 2021.

WU, Fan *et al.* A new coronavirus associated with human respiratory disease in China. **Nature**, v. 579, n. 7798, p. 265-269, 2020. <https://www.nature.com/articles/s41586-020-2008-3?fbclid=IwAR1VfqWqfRxS1Fi7Mh8yK4X03bcT8VUnnaymxMGIXYdwzWLPv4XhCluYmFY>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

Recebido em 27- 10- 2021

Aprovado em 06 - 12 - 2021

Publicado em 31-12- 2021